

Propostas Inclusivas com Estudantes Surdos em Aulas de Música na Escola

Solange Sodré de Jesus

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
<https://orcid.org/0009-0004-0511-1751>
solange.sodre@yahoo.com.br

Eliton Perpetuo Rosa Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
<https://orcid.org/0000-0002-9181-2543>
eliton.pereira@ifg.edu.br

Cristiano Aparecido da Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
<https://orcid.org/0000-0001-5613-708X>
cristiano.costa@ifg.edu.br

<http://dx.doi.org/10.33054/MEB131605>

Recebido: 24/05/2024

Aprovado: 13/08/2024

Resumo

O tema deste artigo é a acessibilidade de pessoas com deficiência auditiva à música e a sua inclusão efetiva em processos de musicalização no contexto escolar. Partimos da discussão de dois pontos teóricos: a educação e os marcos legais da inclusão, e a surdez e a cultura surda. A partir da problematização destes conceitos, apresentamos três propostas de inclusão de pessoas surdas em aulas de música na educação básica, que compreendem uma prática de apreciação, uma proposta de percussão e uma atividade de coral de Libras. As propostas contêm diversos exemplos de repertório para que, ao final, possamos contribuir com a reflexão e com a prática de professoras e professores da educação básica a respeito da inclusão no ensino de música, considerando as diferentes culturas.

Palavras-chave: Música. Inclusão. Surdez.

Proposta Pedagógica

Inclusive proposals with deaf students in music classes at school

Abstract

The theme of this article is the accessibility of people with hearing impairments to music and their effective inclusion in music education processes within the school context. We discuss two theoretical points: education and the legal frameworks for inclusion, as well as deafness and deaf culture. Based on the examination of these concepts, we present three proposals for the inclusion of deaf students in music classes in basic education. These proposals include a listening practice, a percussion proposal, and a choir activity in Brazilian Sign Language (Libras). The proposals contain several examples of repertoire so that. We aim to contribute to the reflection and practice of basic education teachers regarding inclusion in music education, taking different cultures into account.

Keywords: *Music. Inclusion. Deafness.*

Pedagogical Proposal.

Introdução

A música é uma forma de comunicação que atravessa fronteiras e culturas. Ela é uma expressão poderosa da criatividade e emoção humana. No entanto, a acessibilidade à música e a sua inclusão são desafios significativos para pessoas com deficiência auditiva, principalmente na escola. Tomamos como ponto de partida os trabalhos de Wolffenbüttel (2023), De Paula (2022), Lima (2015), Finck (2009) e Hagiara-Cervellini (2003), que apresentam vários argumentos a favor da inclusão efetiva do surdo em processos de musicalização. Segundo Mathias (2016, p. 227) “música, como arte, é essencial para o desenvolvimento do ser humano, possibilita a expressão e vivências significativas de prazer e autorrealização”.

Neste artigo, apresentamos três propostas de inclusão de pessoas surdas em aulas de música na educação básica. O trabalho fez parte de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional PROF-ARTES do Instituto Federal de Goiás - IFG. Esse material foi desenvolvido a partir de estudos teóricos e experiências pessoais sobre práticas pedagógicas e inclusão do ensino da música no ensino regular, considerando as diferentes culturas.

No trabalho de pesquisa originário (Sodré de Jesus, 2024a) exploramos como a inclusão na música é possível, mediante as práticas que envolvem apreciação, percussão adaptada, corpo em movimento e coral de Libras. Objetiva-se permitir que as pessoas surdas participem ativamente da música e celebrem a diversidade humana.

Antes de apresentar as propostas pedagógicas incluímos dois itens teóricos que visam dar fundamentação legal e conceitual às propostas pedagógicas detalhadas a seguir. As propostas pedagógicas aqui apresentadas são divididas em três partes independentes ou sequenciais, de acordo com os objetivos de cada professor, apontando possibilidades para o docente promover a inclusão de alunos surdos e ouvintes na aula de música. As atividades são voltadas para auxiliar professores da educação básica que trabalham com educação musical e desejam desenvolver práticas inclusivas com estudantes surdos. As ações propostas pressupõem a participação do intérprete de Libras ou o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelos docentes.



A primeira parte das práticas pedagógicas traz a proposta de apreciação de performances de músicos surdos, o que é possível em condições não convencionais sobre a experiência musical. Embora a audição seja um dos principais sentidos associados à música, as pessoas com surdez têm demonstrado a capacidade de criar, interpretar e apreciar a música de maneiras únicas e peculiares.

A segunda parte apresenta uma proposta de percussão adaptada para surdos que reconhece que a música não é apenas sobre o que ouvimos, mas também sobre o que sentimos. Sentir as vibrações através do corpo é uma experiência musical relevante e possível.

A terceira parte apresenta o coral de Libras que combina elementos musicais e de sinais, permitindo que os participantes se expressem com a melodia e a coreografia das mãos. É uma demonstração concreta de como a música pode ser acessível. A língua de sinais, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais), desempenha um ponto essencial na comunicação e na expressão artística de pessoas surdas.



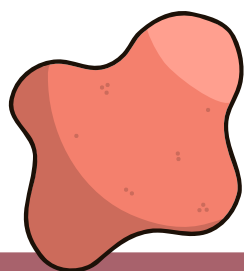
“A inclusão na música não se trata apenas de permitir que pessoas com deficiência auditiva estejam presentes ou integradas; trata-se de capacitá-las a participar ativamente, criar, comunicar e compartilhar a alegria da música.” (Sodré de Jesus, 2024b, p. 7)

1. EDUCAÇÃO E MARCOS LEGAIS DA INCLUSÃO

A educação de surdos(as) no Brasil emerge de décadas de luta da comunidade surda por direitos legais que atendam às suas especificidades, garantindo o reconhecimento de sua cultura, identidade e língua. Essa batalha, assim como a de outras minorias, começou a render avanços a partir da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), que, no artigo 205, estabelece um importante progresso ao considerar a educação como um direito de todos(as), atribuindo ao governo e às famílias a responsabilidade pela realização desse direito. Assim como a Constituição Brasileira, a Declaração Mundial de Educação para Todos (Unicef, 1990), trouxe elementos relevantes para a formulação de políticas públicas com o objetivo de democratizar a educação, adotando uma perspectiva mais inclusiva. Os artigos 3 a 7 dessa declaração mencionam direitos norteadores, como a universalização do acesso à educação. Esse princípio está intimamente relacionado com as pessoas com deficiência, incluindo os(as) surdos(as).

Outro marco importante foi a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994) que teve foco nos princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. As iniciativas presentes nesses documentos tiveram um papel determinante em impulsionar a educação inclusiva e promover o acesso equitativo à educação para todos(as).

A inclusão das pessoas com deficiências escreve mais uma marca em sua trajetória por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Brasil, 1996). A educação especial para pessoas com deficiência, transtornos globais e altas habilidades ganha um novo modo de organização da



educação ao se tornar uma modalidade de ensino por meio do artigo 58.

Para a inclusão de surdos(as), a Lei 10.098 (Brasil, 2000), que trata do direito à acessibilidade, considera essas especificidades, especialmente ao mencionar a responsabilidade do poder público em implementar a formação de intérpretes de Língua de Sinais, bem como outras medidas voltadas para atender às necessidades específicas desse grupo. Um dos marcos legais de grande relevância para a educação de surdos foi a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda, avalizando seu uso e promovendo a inclusão efetiva dos(as) surdos(as) na sociedade. Isso representa um avanço significativo na garantia dos direitos e na promoção da educação inclusiva e acessível para os(as) surdos(as) no Brasil.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2022, § único).

O decreto 5.626, de 26 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005) trouxe diretrizes mais específicas para a condução da educação de surdos(as), reconhecendo suas necessidades educacionais e sociais. Estabeleceu, inclusive, que o termo “pessoa surda” refere-se a indivíduos que, devido à perda de audição, relacionam-se com o ambiente predominantemente por meio de estímulos visuais, expressando sua identidade cultural principalmente por meio da utilização da Libras. Essa compreensão é relevante para orientar o planejamento de ações pedagógicas dentro das escolas e salas de

aula, permitindo abordagens educacionais mais adequadas, considerando as necessidades específicas de cada grupo.

2. SURDEZ E A CULTURA SURDA

As escolas são ambientes onde se encontram diversas culturas, e os indivíduos apresentam uma multiplicidade de modos de pensar, agir, sentir e se expressar de maneira única. Na comunidade surda, a cultura é vivenciada por meio de variadas experiências visuais e motoras, o que resulta em diferentes identidades.

De acordo com Strobel (2008, p. 24) “Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas (...)”.

A cultura surda representa a maneira como os indivíduos surdos percebem e compreendem o mundo ao seu redor, na busca pela acessibilidade que lhes possibilite viver de forma natural e espontânea. Porém, a adaptação ocorre por meio de ajustes que reflitam suas percepções visuais, que desempenham um papel fundamental na formação de suas múltiplas identidades, como menciona Perlin (1998). Nesse sentido, Strobel (2008) acredita que da cultura surda emergem os valores e as crenças que se desenvolvem e são transmitidos por gerações passadas de surdos(as) ou por líderes surdos(as), referências que contribuem para a preservação da cultura. A autora defende que o ponto central da cultura surda não difere das demais, pois é a língua, que, para o povo surdo, é a Língua de Sinais. Além disso, a Língua de Sinais é visuoespacial, e os surdos adquirem seus conhecimentos por meio de experiências

visuoespaciais e táteis/vibratórias. Nesse sentido, Strobel (2008) entende que a formação da identidade surda é construída a partir das relações estabelecidas coletivamente pelo povo surdo.

No imaginário popular e na percepção dos(as) surdos(as), estão frequentemente inseridos crenças e mitos que reforçam a ideia de que o(a) surdo(a) é incapaz, incompleto ou falho. Essas percepções vêm sendo desconstruídas a partir do entendimento de que o povo surdo carrega consigo elementos culturais, o que reforça a luta por acesso à língua e reconhecimento de que a sua cultura esteja pautada nas experiências visuais. A cultura visual é considerada por Strobel (2008) como o primeiro artefato do povo surdo, pois a percepção que eles têm do mundo é diferente e isso se reflete em suas subjetividades.

Observam-se, portanto, as consideráveis responsabilidades dos(as) professores(as) que trabalham em uma perspectiva inclusiva. Eles(as) precisam desenvolver seu trabalho com o objetivo de incluir e proporcionar oportunidades de aprendizado considerando as características culturais desse público. O primeiro passo é conhecer profundamente o sujeito, compreender suas experiências, na cultura e nas identidades individuais. Isso se torna particularmente crucial ao abordar o ensino e a inclusão da música no contexto da surdez. Práticas pedagógicas colaborativas que considere aspectos da cultura surda são essenciais para garantir que a educação seja verdadeiramente inclusiva e permita que todos(as) os(as) alunos(as), independentemente de suas habilidades auditivas, tenham acesso ao aprendizado musical.

É importante destacar que as identidades surdas são complexas e podem variar amplamente, dependendo das experiências pessoais, familiares e dos contextos culturais. Per-

lin (1998) ressalta, por meio de suas análises, que não há uma identidade surda única que possa ser rigidamente definida devido à surdez. Nesse contexto, é fundamental que a sociedade e as instituições educativas, como as escolas, compreendam esses aspectos essenciais para promover uma sociedade mais inclusiva para todos(as).

PROPOSTA I

Músicos surdos e ouvintes: uma proposta de apreciação

Haguiara-Cervellini (2003, p. 91) afirma que a vivência musical e a musicalidade são possibilidades para os surdos. A autora defende que a vivência musical se revela “extremamente benéfica, no sentido de proporcionar-lhes prazer, alegria e realização pessoal”. Além disso, apreciação musical no contexto inclusivo possibilita o encontro de diferentes culturas, já que a grande maioria dos ouvintes desconhece a arte musical produzida por surdos.



Objetivos:

1. Promover a inclusão e buscar o conhecimento sobre músicos surdos, reconhecendo e valorizando suas habilidades musicais;
2. Desconstruir estereótipos e preconceitos relacionados à capacidade musical de pessoas surdas, demonstrando que a música é uma linguagem acessível a todos;
3. Explorar novas formas de expressão, estimular a criatividade e a apreciação musical, buscando diferentes formas de comunicação e expressão artística.

A importância da contextualização e da apreciação artística

O professor deve buscar por exemplos musicais produzidas por músicos surdos e ouvintes. Para realizar esse trabalho, o professor, precisa planejar as seguintes etapas:

1. Discuta a importância da contextualização e da apreciação musical com os estudantes.
2. Explique como o contexto histórico, cultural e social dos artistas e suas obras pode influenciar a forma como a percebemos e interpretamos.
3. Distribua nomes e/ou textos sobre grupos e músicos entre os alunos, garantindo uma variedade de estilos.
4. Distribua a cada grupo uma obra musical. Os alunos podem acessar recursos web disponíveis para investigar o contexto histórico, cultural e artístico da obra designada. Eles podem organizar apresentações ou seminários sobre esses artistas.
5. Durante a exibição, peça aos alunos para observarem atentamente, apreciarem a música, e para fazerem anotações sobre suas percepções e sentimentos em relação às performances.
6. Após assistir aos vídeos, promova uma

discussão em grupo sobre as experiências dos alunos em relação aos artistas e as obras e que foram apresentadas. Destaque aspectos musicais (características da música quanto aos elementos instrumentais, rítmicos e melódicos – além de aspectos expressivos) e ainda aspectos culturais como: reação do público, papel do artista, relação entre artista e público e possíveis sentidos atribuídos às obras apresentadas.

7. Ressalte como essas diferentes performances apresentam a cultura surda por meio da música, procure destacar a superação de barreiras entre a cultura surda e ouvinte.

Grupos, suas origens, componentes e produções musicais.

Quem são os surdos que fazem música? Apresentamos alguns exemplos.

Mandy Harvey é conhecida por sua jornada inspiradora na música, desde a perda de audição aos 18 anos até suas performances impressionantes no *America's Got Talent* em 2017. Mandy se tornou uma defensora da comunidade surda, compartilhando sua história em palestras e no livro "Sensing the Rhythm" (Harvey; Atteberry, 2018).



Figura 1
Mandy Harvey

Origem:
Cincinnati,
Ohio, EUA.

O vídeo (figura 2) mostra Mandy Harvey no *America's Got Talent* em 2017. A música “Try” foi aclamada por sua letra e pela incrível história por trás dela, refletindo a jornada pessoal de Mandy e suas lutas e triunfos após perder a audição.



Figura 2 - Mandy Harvey – executando composição própria.
Fonte: https://youtu.be/IVTEUWxovU4?si=fk6Q2Wl_UylziZbr

O grupo **Surdodum** realiza apresentações que mesclam músicas populares brasileiras com composições próprias. Seu trabalho destaca-se pela qualidade e pela capacidade de surpreender o público, demonstrando o talento e a criatividade dos membros do grupo. O grupo é composto por seis jovens com diferentes graus de perda auditiva, além de membros ouvintes.



Figura 3 – Grupo Surdodum
Fonte: Canal do Grupo no Youtube.

O vídeo (figura 4) apresenta a música “Libras”, composição de Arnaldo Barros, para comunicar emoção e conexão através dos ritmos.



Figura 4 – Surdodum apresenta a música Libras
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FcqaeXOwk8E>

A banda **AB Surdos** foi iniciada em 2001 e é coordenada por Sarita Araújo Pereira, uma professora surda bilíngue. Os componentes da banda são surdos e ouvintes que trabalham juntos na criação e execução das músicas. Suas produções refletem a diversidade linguística e cultural da comunidade surda, incluindo arranjos que incorporam elementos da Libras.



Figura 5 - Banda AB Surdos em Show
Origem: Uberlândia, MG.

O vídeo (figura 6) mostra o grupo AB Surdos promovendo a inclusão e a diversidade em suas apresentações e composições. Suas performances destacam uma variedade de temas e perspectivas, bem como oferecer performances inclusivas.



Figura 6 – Banda AB Surdos em apresentação
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1uit94Fa7oE>



Como alternativa aos links diretos, use estas expressões de busca na internet:

Músico surdo, musicista surda, Mandy Harvey, Surdodum, Banda AB Surdos.



Para saber mais:

1. Outros artistas surdos: Evelyn Glennie e Thierry De Mey.
2. Assista ao vídeo sobre os desafios tecnológicos da transposição visual do som: https://youtu.be/K1sQzDya7to?si=_G1i3dmC4fC4HfvQ
3. Assista ao vídeo sobre cinco aplicativos de Libras para você conhecer! <https://www.youtube.com/watch?v=17FiTGZPzz0>

PROPOSTA II

Percussão e Surdez

Ao ensinar música para surdos e ouvintes a percussão destaca-se pelo poder de vibração e diversas opções de instrumentos acessíveis para o professor em sala de aula. A vibração dos sons pode ser sentida pelos surdos com maior intensidade sensorial. A percepção do som ocorre através da vibração por via óssea de modo que exercícios corporais também fazem parte desse aprendizado, como exemplificado no trabalho de Finck (2009).

Objetivos:

- Promover a inclusão e participação ativa de alunos surdos nas atividades musicais.
- Desenvolver a percepção tátil e visual do ritmo por alunos surdos e ouvintes.
- Desenvolver habilidades musicais ligadas ao ritmo através da prática da percussão, como base para o aprendizado de outras práticas musicais.

Experiências usando diferentes superfícies

Essa é uma experiência que surdos e ouvintes podem vivenciar ao utilizar pandeiros, mesas, cadeiras e tambores. Além disso, as superfícies podem ser cobertas com diferentes materiais para que possam emitir vibrações alteradas, como explica Sodré de Jesus (2024b).





Figura 7 – Diferentes superfícies vibratórias
Fonte: Elaboração própria

Sensibilização às vibrações

Disponibilize instrumentos com diferentes materiais e texturas, como tambores, mesas ou cadeiras, para criar sensações táteis variadas. O material com maior vibração pode proporcionar uma experiência sensorial enriquecedora. Os alunos podem tocar e sentir as vibrações através desses objetos.

O vídeo (figura 8) mostra uma forma de praticar ritmos usando a superfície de uma mesa. Além da percepção visual, as sessões táteis aliadas à interpretação em Libras, direcionam alunos surdos e ouvintes a participarem da aula.



Figura 8 – Exemplo de ritmo sobre mesa
Fonte: https://youtu.be/NaB_JWkjt08?si=GQqwS5xXedF76eot

Percussão e percepção visual

No vídeo (figura 9) é apresentada uma abordagem na qual os alunos aprendem a perceber os ritmos por meio de estímulos visuais. O professor utiliza lâmpadas coloridas para indicar o momento certo das batidas. Além disso, ele emprega a língua de sinais como mediadora no processo. Conforme relatado pelo professor do grupo Batuqueiros do Silêncio, essa metodologia tem demonstrado resultados positivos.



Figura 9 - Projeto ensina surdos a tocar instrumentos de percussão
Fonte: https://youtu.be/Obu_ztnsNh8?si=vN0feur-t93gFC50

Embora o grupo Batuqueiros do Silêncio seja formado por surdos, essa metodologia pode ser aplicada para alunos surdos e ouvintes.

Sugestões de atividades para as temáticas acima.

1. Mostre o vídeo e explique como praticar ritmos usando a superfície da mesa, enfatizando a sensação de vibração.
2. Peça para que os alunos explorem os instrumentos de percussão, tocando e sentindo as diferentes texturas das superfícies.
3. Incentive-os a descrever as sensações táteis que experimentam ao tocar cada instrumento.
4. Discuta com os alunos sobre como as vibrações são sentidas e como isso adiciona uma dimensão sensorial extra à experiência musical.

Composição colaborativa

A composição colaborativa refere-se ao processo de criação artística ou criativa em que várias pessoas contribuem para a criação e realização de uma obra, com ideias musicais, melodias, letras ou arranjos para criar da peça musical.

Nessa atividade, o professor pode oportunizar aos alunos momentos de criação a partir das experiências com os instrumentos. Observe no vídeo (figura 10), como o professor Fabio Bonvenuto realiza o trabalho com surdos com diferentes possibilidades.



Figura 10 - Som para surdos - Tv Sentidos
Fonte: https://youtu.be/LwTvrXkqeJ8?si=VRzPlk8X_70wTL9i

O trabalho de composição colaborativa com estudantes surdos pressupõe um trabalho anterior, onde os alunos são inicialmente ensinados a diferenciar som e

silêncio, a dominar a marcação do pulso musical, e então a reconhecer nesse contexto desenhos rítmicos diferenciados. É importante que os estudantes surdos consigam se expressar de modo claro seu entendimento do ritmo, replicando no corpo, por exemplos, esses padrões. Os alunos podem ser levados a repetir o professor, imitar os colegas e depois devem ser incentivados a realizar modificações alongando e encurtando silêncios e sons, ou seja, fazendo variações dos ritmos já internalizados.

Como todo trabalho pedagógico, esta ação vai se transcorrer de forma mais lenta ou avançada a depender da experiência dos participantes. O professor deve ficar atento às respostas dos alunos, pois são elas que irão direcionar o trabalho pedagógico musical.



Como alternativa aos links diretos, use estas expressões de busca na internet:

Surdez e percussão, percussionista surdo(a), ritmo sobre mesa, acompanhamento rítmico de canções, projeto ensina surdos a tocar instrumentos de percussão, professor Fabio Bonvenuto, composição colaborativa com alunos surdos.



Para saber mais:

Uso do movimento e da percussão corporal na interação musical e coletiva:

a) O ritmo é uma estratégia importante para criar composições de forma mais dinâmica, com pintura, fotografia, design gráfico e outras formas de expressão visual:

<https://youtu.be/j2OyTfwTYAg?si=YOOfqKjdtmPfo4Rr>

https://youtu.be/O_7YKhbBCyw?si=Fjg8tP6KGQAUFZQD

b) Uso do mansolfa também pode ajudar na criação e vivência musical conjunta: <https://youtu.be/1MIZqNTOHw0?si=KlyLD3jmKZymbM8Z>

c) Integração de tecnologia com movimentos corporais:
<https://justdancenow.com/>

PROPOSTA III

Coral de Libras

Uma apresentação musical em Libras envolve a interpretação gestual de uma música utilizando a Língua Brasileira de Sinais como meio de tradução da letra, incluindo gestos que podem ser criados para as partes instrumentais. Os intérpretes utilizam expressões faciais e movimentos corporais para traduzir palavras e emoções da música em Libras. Isso torna a música mais acessível a pessoas surdas ou com deficiência auditiva como explica Sodré de Jesus (2024a).

Geralmente as letras das músicas são traduzidas e adaptadas para se adequar à gramática e à expressão visual da Libras, tornando a apresentação mais compreensível e emocionalmente envolvente para surdos e ouvintes.

Trabalhar o coral de Libras na escola, envolvendo tanto alunos surdos quanto ouvintes, pode ser uma experiência enriquecedora e inclusiva. Caso o professor domine a parte de técnica vocal, os alunos ouvintes e surdos falantes podem cantar enquanto executam os gestos juntamente com os demais participantes.

Objetivos:

- Oferecer um espaço onde surdos e ouvintes possam participar e inspirar outros membros da comunidade, fortalecendo sua autoestima e confiança.
- Promover a diversidade cultural ao explorar a música por meio da língua de sinais, celebrando a diversidade cultural da comunidade surda e destacando suas contribuições para a sociedade.
- Estimular o desenvolvimento cognitivo com atividades musicais, como cantar e coreografar com as mãos em um coral; promovendo habilidades como memória, concentração e processamento auditivo visual e musical.
- Incentivar a educação bilíngue ao integrar a língua de sinais em performances musicais, reconhecendo a Libras como uma língua oficial e essencial para sua comunicação e aprendizado.

Princípios para implementar um coral de libras

Antes de começar, é importante que a escola e os alunos estejam conscientes da importância da inclusão e do respeito à cultura surda. Ofereça o ensino da Libras para os participantes ou solicite ajuda, caso tenha, de um professor de Libras qualificado. Isso é essencial para garantir que todos compreendam a língua de sinais. Além disso, os principais princípios a seguir são:

- Abra a oportunidade para que alunos surdos e ouvintes participem do coral de Libras.
- Promova a ideia de que todos podem aprender e contribuir, independentemente da habilidade de audição.
- Escolha músicas que considere que sejam significativas para os participantes, tendo em conta a faixa etária dos estudantes, procurando canções com letras educativas e que possam ser expressas de maneira eficaz em Libras.
- Convide o instrutor de Libras, caso tenha, para ensinar as letras das músicas em sinais aos alunos.
- Certifique-se de que todos compreendem o significado dos sinais e a pronúncia das palavras.
- Procure adaptar ao menos algumas das atividades de preparação vocal para que todos participem, caso decida que os estudantes ouvintes e surdos falantes irão cantar.
- Realize atividades ou oficinas de conscientização para toda a escola, a fim de promover a compreensão e o respeito pela cultura surda.
- Realize apresentações públicas do coral de Libras na escola, em eventos da comunidade ou em festivais.
- Promova um ambiente inclusivo: Por meio de ritmos, palmas, batidas e movimentos, a música corporal oferece uma maneira única de criar e apreciar música, independentemente da audição.

Processo de criação

Essa etapa do processo de criação envolve os alunos trabalhando colaborativamente para desenvolver uma performance que integre elementos da cultura surda e elementos do coral, garantindo que tan-

tos alunos surdos quanto ouvintes criem usando imaginação e criatividade por meio do trabalho de expressão da letra em gestos. A figura 11 mostra exemplo de coral de Libras em link para Youtube.



Figura 11 – Coral de Libras no Dia Nacional dos Surdos
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RceqYwK6HHA>

Ao trabalhar em um coral de Libras, o professor deve decidir se os estudantes ouvintes e os surdos falantes irão cantar a canção. Caso seja tomada essa decisão o professor deve se atentar para todos os aspectos inerentes da pedagogia coral ou coral infantil/juvenil.

Assim, independente se os estudantes vão cantar ou não, inicialmente o professor pode trabalhar a tradução da canção. Esse processo pode se dar por meio da separação entre as partes da música, considerando as diferentes estrofes e refrões. Após aprenderem os gestos de tradução das letras, o professor pode destacar outros gestos e expressões corporais como palmas, batidas de pés, gritos em determinados momentos que considerar adequado. É possível pedir para estudantes sozinhos (fazerem sozinhos) determinadas partes, onde vários alunos podem participar. Também é possível trabalhar a criação e a improvisação com gestos originais criados pelos(as) próprios(as) alunos(as).



Como alternativa aos links diretos, use estas expressões de busca na internet:

Coral de Libras, tradução de canções para Libras, cantar com as mãos, coral de Libras no Dia Nacional dos Surdos.



Para saber mais:

1) Leia o artigo de Sobral e Godim (2019) sobre o Coral de Libras "Incluir".

2) Acesse outros vídeos de corais de Libras:

<https://www.youtube.com/watch?v=XWGoC8xSCbA>

<https://www.youtube.com/watch?v=IcLPQC9w2hg>

3) Técnicas para interpretar músicas em LIBRAS:

<https://www.youtube.com/watch?v=3ZngXbaz6YO>

Considerações finais

As atividades aqui propostas buscam a promoção da inclusão de surdos na educação musical na escola, considerando suas capacidades de apreciar, produzir e criar músicas mediante oportunidades pedagógicas adequadas.

Nesse sentido, a proposta de apreciação de músicos surdos amplia o acesso à cultura surda em sua relação com a música. O uso da percussão é uma estratégia que busca proporcionar uma experiência sensorial acessível através das vibrações dos instrumentos musicais e objetos sonoros. O coral de Libras se constitui em uma iniciativa mais ampla que contribuiu para um ambiente escolar mais inclusivo, enfatizando o compromisso com a diversidade linguística e cultural das pessoas surdas, além de melhorar a autoestima e as relações interpessoais.

Considerando as contribuições de Strobel (2008) e Perlin (1998) acreditamos que a inclusão de surdos na música demanda que os professores conheçam os aspectos culturais da comunidade de surdos e que sempre busquem o domínio de Libras ou presença de intérpretes no processo pedagógico. É relevante que os professores busquem metodologias que possibilitem a inclusão como parte integrante de seu processo pedagógico musical.





Solange Sodré de Jesus

solange.sodre@yahoo.com.br

Mestra em Artes pelo IFG, Mestranda em Educação Básica - Cepae pela Universidade Federal de Goiás(UFG). Especialista em LIBRAS e educação inclusiva e especial. Licenciada em Pedagogia pelo Uni-ANHANGUERA, com experiência como professora, intérprete de LIBRAS e professora de educação especial. Trabalhou na Uni-ANHANGUERA (professora e intérprete de LIBRAS) e na Rede Estadual de Ensino (intérprete de LIBRAS), e atualmente como professora de educação especial e alfabetizadora.

<http://lattes.cnpq.br/9816216202026854>



Eliton Perpetuo Rosa Pereira

eliton.pereira@ifg.edu.br

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela (USC-Espanha). Mestre em Música (EMAC-UFG). Especialista em Tecnologias em Educação (PUC-RJ). Licenciado em Música (EMAC-UFG). É docente efetivo da carreira EBTT, atuando no Instituto Federal de Goiás (Brasil) na Licenciatura em Música e no Mestrado Prof-Artes. Foi professor convidado na UFG e UFRGS (Brasil), e USC e UNIR (Espanha). Diretor de Políticas de Ensino, Pesquisa e Extensão da ANPAIF (Gestão 2023/24). Coordena o MOUSIKÊ - Grupo Interinstitucional Goiano de Pesquisa em Educação Musical. Editor da revista Nupeart (Qualis A1 em Arte e Educação). Autor de diversos livros e artigos na área da educação musical. Tem experiência em Educação Musical, Canto Coral, Didática e Formação de Professores.

<http://lattes.cnpq.br/7776147593244505>



Cristiano Aparecido da Costa

cristiano.costa@ifg.edu.br

Pós-doutorado e Doutorado em Educação (FE-UFG). Mestre em Música/Educação Musical (EMAC-UFG). Especialista em Música Brasileira (EMAC-UFG) e Docência Universitária (Fago). Possui graduação em Educação Artística/habilitação em Música (EMAC-UFG). Integrante (pesquisador) do Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA-UFG) e do Grupo Interinstitucional Goiano de Pesquisa em Educação Musical (MOUSIKÊ-IFG). Docente de Nível Médio e Nível Superior na área de Educação Musical no Instituto Federal de Goiás. Docente e orientador no programa de Pós-graduação stricto sensu em Artes (Prof-Artes) do IFG. Pesquisa na área de Ensino-aprendizagem em Música, Educação Musical, Educação Estética e Indústria Cultural.

<http://lattes.cnpq.br/7240507482094602>

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso: 9 abr. 2024.

BRASIL. *Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 09 abr. 2024.

BRASIL. *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF 2002.

BRASIL. *Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n. 10.436, de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua de sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 23 dez. 2005.

DE PAULA, Tatiane Ribeiro Moraes. *A musicalidade da criança surda: educação e desenvolvimento*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB. Brasília – DF, 2022.

FINCK, Regina. *Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva*. Porto Alegre: 2009. 234 f. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

LIMA, Gueidson P. de. *Música e surdez: o ensino de música numa perspectiva bilíngue na escola regular*. 2015. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

HAGUIARA-CERVellini, Nadir. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus, 2003.

HARVEY, Mandy. ATTEBERRY, Mark. *Sensing the Rhythm: Finding My Voice in a World Without Sound*. New York, London: Howard Books, 2018.

MATHIAS, Mercia. *Música e Surdez (1986-2016): trinta anos de produção do conhecimento no Brasil. Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical*. In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM, 8º., Teresina. *Anais [...]* Teresina 25 a 27 de outubro de 2016. Disponível em: http://abemeduacaomusical.com.br/anais_ernd/v2/papers/2098/public/2098-6938-1-PB.pdf Acesso: 28 de nov. 2023.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. *Identidades surdas*. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças 2. ed.* Rio Grande do Sul - RS: Mediação, 1998, p. 51-71.

SOBRAL, Renata Andrade; GODIM, Suelen Tavares. Do processo de inclusão ao direito à comunicação: A experiência do Coral de LIBRAS “Incluir”. *Revista Conexão UEPG*, v. 15, n. 3, p. 257-261, 2019. <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.15.i3.0004>

SODRÉ DE JESUS, Solange. *Educação musical inclusiva com estudantes surdos na educação básica*. Artigo e Produto Educacional (Música para pessoas surdas: propostas inclusivas para pessoas surdas em aulas de música na educação básica) - Trabalho final de Mestrado Profissional em Artes. Rede Prof-Artes. Instituto Federal de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2024a.

SODRÉ DE JESUS, Solange. *Música para pessoas surdas: propostas inclusivas para pessoas surdas em aulas de música na educação básica*. Produto pedagógico ligado ao trabalho de conclusão de curso do Mestrado Profissional em Artes. Rede Prof-Artes. Instituto Federal de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2024b.

STROBEL, Karin Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 1. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

UNESCO. *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>. Acesso: 29 jul. 2023.

UNICEF. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)*. Disponível em: unicef.org. Acesso em: 29 jul. 2023.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. A importância da inserção da música na escola: direito fundamental das pessoas. *Global Dialogue*, v.6, n.3, p. 85–106. 2023. <https://doi.org/10.53660/GDIA.166.407>

